



ALLAH N'EST PAS OBLIGÉ, DE AMADOU KOUROUMA: DESCAMINHOS DE UMA INFÂNCIA PERDIDA

Josilene Pinheiro-Mariz

UAL/CH- Universidade Federal de Campina Grande: sjmariz22@hotmail.com

Saulo Rios Mariz

CCBS- Universidade Federal de Campina Grande: jsmariz22@hotmail.com

Resumo: A literatura infanto-juvenil pode estimular o imaginário do leitor, levando-o a vivenciar as mais diversas experiências. Seja com a temática voltada para esse universo ou com seus personagens, a literatura africana traz um enorme conjunto de possíveis questões para se trabalhar em sala de aula, sobretudo, quando visualizamos a Lei 10.936 que torna obrigatório o ensino da cultura africana e afro-brasileira. Assim, como pode o professor de uma língua estrangeira, atender a tal orientação federal? Encontramos respostas no continente africano, uma vez que ali estão presentes diversas línguas europeias, como o francês, espanhol, inglês. Por esse prisma, o romance *Allah n'est pas obligé*, do escritor costa-marfinense Amadou Kourouma (2000) é um rico acervo de relatos (quase) reais para serem trabalhados com jovens leitores da língua francesa. Logo, nestas reflexões, buscamos atender à Lei brasileira, mas, muito especialmente, trabalhar temáticas presentes no romance como a orfandade, a guerra e, particularmente, o uso de drogas entre crianças, como no caso da personagem Birahima, um garoto de apenas 10 anos de idade que, como outras crianças daquele universo são obrigados a usar psicoativos como haxixe para se manterem atentos como crianças-soldados, posto ser esse o principal foco da narrativa. Discutiremos fundamentalmente, o papel despersionificante das drogas na infância, trazendo essa realidade para a sala de aula de ensino de língua/literatura francesa, com base em Moreau (2014) e Naturel (1995). Dessa forma, ressaltamos a atualidade da obra literária, além de seu intenso caráter humanizador (CANDIDO, 2006) na formação social do jovem.

Palavras-chave: literatura africana; drogas; literatura infanto-juvenil; ensino



1. Considerações iniciais

O que é a literatura infanto-juvenil? Ou a literatura africana? Ou ainda a literatura africana de língua francesa? Esses diversos questionamentos nos remetem à nossa principal inquietação: como trabalhar a literatura infanto-juvenil africana francófona com estudantes brasileiros, no âmbito do ensino da língua francesa? Por certo, essas inquietações são alimentadas por diversas outras fontes de inquietações, dentre as quais podemos destacar: como ensinar a literatura no contexto do ensino de línguas ou aprofundando essa questão, por quê trabalhar a literatura africana de uma língua estrangeira como a francesa?

Assim como as perguntas são várias, as respostas podem ser diversas, mas, centramos o nosso foco na tentativa e responde a essas questões a partir de uma obra que, muito provavelmente, choca pela sua força narrativa e, evidentemente, por ter no seu eixo central a personagem de uma criança sujeita às mais distintas formas de adversidade circunstanciais. Tal obra é de autoria costamarfinense e, por essa razão, sob a nossa ótica, por um lado, constituir-se-ia em uma importante forma de levar o aprendiz brasileiro -da língua francesa- a conhecer a cultura daquele país. Por outro lado, o professor estaria cumprindo a Lei 10.936 que torna obrigatório o ensino da cultura africana e afro-brasileira e, portanto, poderia cumprir a legislação brasileira e, dessa maneira, atender à orientação federal.

Ora, trabalhar literatura em aula de língua estrangeira é uma atividade que demanda do professor, a mobilização de diversos conhecimentos e práticas metodológicas; então, sob o nosso prisma, o continente africano apresenta-se como um dos espaços mais emblemáticos para se fazer cumprir a referida lei brasileira, além de se conduzir o aprendiz a conhecer outros universos de línguas comumente estudadas em nosso contexto brasileiro de ensino de línguas estrangeiras. Por esse viés, o romance *Allah n'est pas obligé*, do escritor Amadou Kourouma (2000) configura-se em um importante acervo de relatos que, por ter uma criança no seu principal eixo narrativo, pode estimular a leitura dentre jovens aprendizes de língua francesa.

Este trabalho, portanto, tem o intento de discutir a respeito da importância da literatura infanto-juvenil africana francófona no ensino do francês como língua estrangeira (FLE), focalizando-se a temática da infância perdida delineada pela personagem Birahima, uma criança que, diante de circunstâncias diversas passou a ser uma criança-soldado em um universo fictício, cuja narrativa é tão chocante e aterradora, que, por vezes, esquecemos que se trata de uma obra de



ficção, haja vista a força narrativa de seu narrador. É certo que tal impacto só causa esse efeito porque estamos diante de um dos maiores escritores africanos de língua francesa de todos os tempos e também por que a

narrativa de vida do pequeno Birahima é tão bem traçada que, por vezes, o narratário parece estar diante de um noticiário que conta como a vida de crianças que são mantidas em cativeiro, em diversos países da África, tornando-se crianças-soldados.

Tal realidade retratada no romance inclui temas como a orfandade, a guerra, relações miliares, relações de amizade e, para este trabalho, enfocaremos em uma questão que tem se constituído em um sério problema social em diversos países do mundo, sobretudo naqueles mais pobres, que é o uso de drogas entre crianças. Nessa esteira, as nossas reflexões dão conta de analisar, a partir da leitura do romance, as reações que podem ser causadas pelo uso do haxixe em crianças de aproximadamente 10 anos de idade, que precisam da droga para se manterem atentos, forte e corajosos como crianças-soldados dando, portanto, a verossimilhança necessária à narrativa romanesca.

Aqui, então, buscamos discutir de modo especial, o papel despersonificante das drogas na infância. Tal proposta busca atender a uma orientação de Naturel (1998), para quem a literatura é algo vivo e que faz parte do dia a dia do aprendiz e, portanto, precisa ser vista como tal, ou seja, como algo que pode ser exemplificado na realidade do estudante, pois assim ele sentirá a literatura não como algo que está unicamente nas páginas de clássicos distantes, mas, como algo que é próximo à realidade do estudante e para isso, trazemos noções discutidas por Moreau (2014) a respeito do uso de drogas e os efeitos danosos que elas podem causar na vida humana, principalmente, na infância.

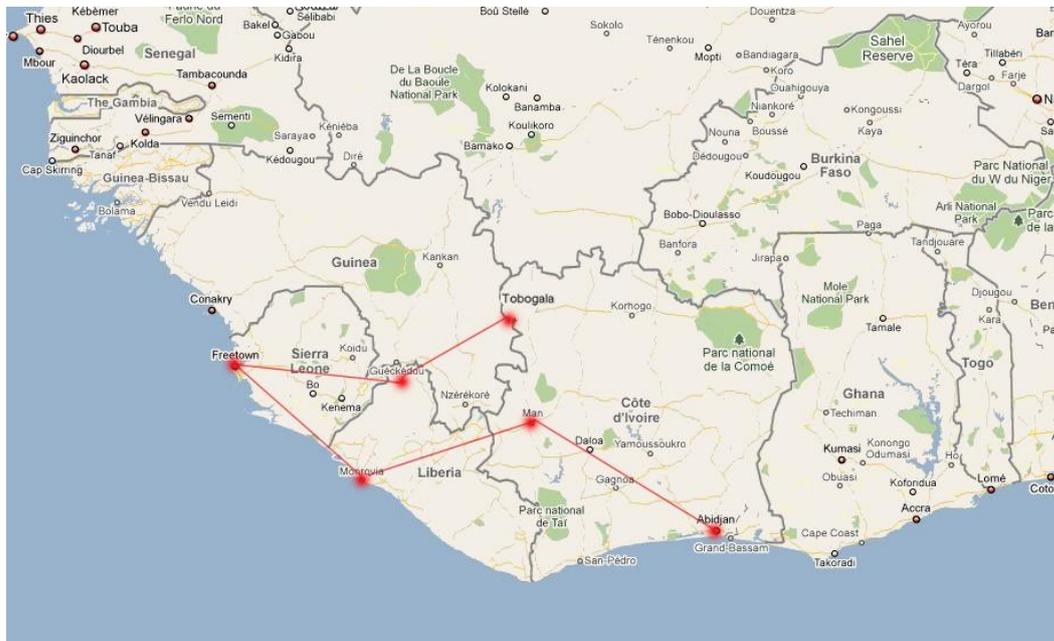
2. Allah n'est pas obligé: um romance africano na realidade de hoje

O romance em estudo é uma importante obra que recebeu prêmios internacionais de língua francesa muito importantes, logo no ano de sua publicação, em 2000, tais como o respeitável *Renaudot*, uma premiação literária criada em 1926 por jornalistas e críticos literários e recebeu também o tradicional *Goncourt*, organizado pelo Ministério da Educação Nacional e pela Fnac. Além dessas duas nomeações na língua francesa, também recebeu o prêmio *Amérigo-Vespucci*, no

Festival International de Géographie, uma importante manifestação anual tanto científica, quanto para o grande público organizada pela *Associação para o Desenvolvimento do Festival Internacional de Geografia*, uma organização da Lorraine que busca valorizar questões relativas ao espaço geográfico, o que reforça ainda mais a importância do romance como obra literária impactante e, portanto, necessária à formação de estudantes de língua francesa e de interessados pela literatura africana.

A importância do reconhecimento traduzido no prêmio Américo Vespúcio é fundamental pois, a narrativa está para além da Costa do Marfim. O romance é uma espécie de imersão nas Áfricas e suas adversidades, como uma imersão nas vivências de camadas sociais totalmente corroídas pelas circunstâncias econômicas e sociais que assolam alguns países naquele continente.

IMAGEM 1: viagem do protagonista Barihama pelas Áfricas



FONTE: <http://littexpress.over-blog.net/article-ahmadou-kourouma-allah-n-est-pas-oblige-40789804.html>

A busca do protagonista, Birahima, por sua tia Mahan, no país vizinho, a Libéria resulta em uma narrativa que se assemelha a um romance picaresco, pois, além de se ler uma espécie de autobiografia do garoto-herói, lê-se também o universo miserável que ele atravessa na tentativa de alcançar seu objetivo de ter uma família de volta. Isso tudo se consolida em dores, sofrimentos e grandes aventuras como se fossem pretexto para colocar o herói em contato com a sociedade.

Je décide le titre définitif et complet de mon blabla est Allah n'est pas obligé



d'être juste dans toutes ses choses ici-bas. Voilà. Je commence à conter mes salades.

Et d'abord... et un... M'appelle BiraHima. Suis p'tit nègre. Pas parce que suis black et gosse. Non ! Mais suis p'tit nègre parce que je parle mal le français. C'est comme ça. Même si on est grand, même vieux, même arabe, chinois, blanc, russe, même américain ; si on parle mal le français, on dit on parle p'tit nègre, on est p'tit nègre quand même. Ça, c'est la loi du français de tous les jours qui veut ça. (KOUROUMA, 2000, p. 7).

Na sua apresentação, BiraHima traz para o leitor uma questão necessária para lembrar o aprendiz-leitor da importância da atualização da obra literária. Primeiramente, o narrador-personagem lembra seu leitor que Allah não tem culpa das misérias deste mundo, pois na sua sociedade, sobretudo, olhando para a sua mãe, o garoto sempre ouviu e creu que os Allah seria o grande responsável pela nossa condição de miséria. Para ele, o fato de sua mãe ter sempre vivido uma vida de miserável, diante de sua frágil saúde, seria essa uma forma de ela “pagar” purgando os seus pecados. Mas, finalmente, ao decidir contar as suas “salades” ou blablabla, ele parece reconhecer ou compreender que Allah não é o responsável por todas as injustiças desta terra.

Um segundo elemento importante para a atualização da leitura é deparar-se com a própria língua francesa que, segundo ele, é uma “língua de negrinho”, de quem fala mal o francês: “*suis p'tit nègre parce que je parle mal le français*”. Encontramos aqui um segundo caminho para mostrar a obra como atual, pois diante de tantos conflitos, situações de êxodo, fechamento de fronteiras, como não discutir o que é a língua francesa no mundo? Qual o seu lugar? Seu papel social e econômico? Entretanto, o nosso foco de atualização da obra centra-se nas narrativas do garoto no que concerne ao uso de drogas como o haxixe.

Por que as crianças-soldado precisam de drogas? Quais os efeitos dessas drogas em um organismo frágil como o da criança? Essas serão, então as nossas próximas discussões, quando a partir de alguns excertos da narrativa, iremos discutir a relação interdisciplinar entre as grandes áreas das Ciências da Linguagem e das Ciências Biológicas e da Saúde é rica, complexa e instigante. Lembramos que pesquisadores e profissionais da biologia, da medicina e de outras áreas da saúde buscam desenvolver conhecimentos e transformá-los em ações concretas para melhoria contínua da qualidade de vida (PINHEIRO-MARIZ; MARIZ, 2015)

3. Drogas na literatura: atualizando a leitura literária vendo crianças-soldado



A literatura, enquanto forma de expressão artística, nos brinda, brincando com as palavras levando-nos a vivenciar limiar entre a verossimilhança, que gera identificação no leitor e a ficção que o encanta, cativando-o até a última página, fazendo-o experimentar diversas emoções como recompensa por ter aceitado o convite a visitar outros mundos – por vezes tão (ou mais) reais quanto o seu próprio. Por certo, Amadou Kourouma, no seu *Allah n'est pas obligé*, leva o leitor a vivenciar essa experiência que poucas outras expressões artísticas favorecem.

Se recorrermos ao grande e completo poeta Baudelaire, encontraremos nos *Paraísos Artificiais* uma espécie de compêndio esclarecedor sobre a utilização necessária de algumas drogas como o haxixe, o álcool e ópio. Pinheiro-Mariz e Mariz (2015) nos apresentam a estreita relação entre a literatura e a psicofarmacologia a partir do texto baudelairiano e afirmam que o referido ensaio é um texto que ao mesmo tempo que faz um elogio aos “paraísos artificiais” também é um documento que chama a atenção do leitor para o uso, por assim dizer, “milagroso” de algumas drogas. Nas palavras do próprio poeta:

Que les gens du monde et les ignorants, curieux de connaître des jouissances exceptionnelles, sachent donc bien qu'ils ne trouveront dans le haschisch rien de miraculeux, absolument rien que le naturel excessif.

[...] tandis que nous, poètes et philosophes, nous avons régénéré notre âme par le travail successif et la contemplation; par l'exercice assidu de la volonté et la noblesse permanente de l'intention, nous avons créé à notre usage un jardin de vraie beauté. (BAUDELAIRE, 2005, p. 10; 38)

Para o poeta francês, embora o haxixe provoque certa euforia que se assemelhe a um milagre, essa droga tão somente estimula e não “faz nascer” o que não existe. É exatamente dessa droga que gostaríamos de discorrer neste momento, pois essa droga é a principal utilizada pelas crianças-soldado na narrativa de Kourouma. Criança-soldado não é uma figura dos nossos dias, muito embora hoje seja muito mais conhecida até porque, com as muitas mídias, ficou mais comum deparar-se com essa deprimente realidade. Mas, atualmente, segundo organizações para a infância, são centenas de milhares em todo o mundo, inclusive no Brasil.

FIGURA 2: visão diacrônica de crianças-soldado em todo mundo



Crianças-soldados: mais de 300 mil no mundo



FONTE: internet (imagens de domínio público)

Na sequência, apresentamos dois excertos nos quais o garoto faz menção ao uso do *hasch*, referindo-se ao coronel, a quem chamavam papai, responsável por esse exército infantil:

Ça se réveillait au chant du coq tous les matins sauf le lendemain du soir où il avait trop bu du bon vin de palme avant d'aller au lit. Mais à signaler que le colonel ne prenait pas de hasch, jamais, jamais. (KOUROUMA, 2000, p.35).

Oui le colonel Papa le bon méritait de se soûler quelques soirs parmi les nombreux soirs pourris de la vie de chien de Zorzor. Mais il fumait pas du hasch. Le hasch, il le conservait pour les soldats-enfants, ça les rendait aussi forts que des vrais soldats. Walahé ! (KOUROUMA, 2000, p.37)

Em ambos os excertos, identificamos certa ambiguidade no uso do *hasch*, pois ao mesmo tempo em que se lê no segundo excerto, que essa droga conservava os garotos em alerta, no primeiro exemplo, percebemos que o próprio coronel Papa nunca a utilizava; o vinho, sim, mas não ao haxixe. Por que o líder do grupo, um adulto, não fazia tal uso? Tal resposta pode nos ser dada por fontes bibliográficas que se debruçam sobre as ações e efeitos de substâncias químicas psicoativas, tais como os canabinoides presentes nos produtos derivados da espécie vegetal *Cannabis sativa* L.

De um modo geral, os efeitos da maconha são diversos e os predominantes vão depender de elementos como: produto utilizado e em qual quantidade, idade e outras peculiaridades do usuário. A euforia é frequente e, dependendo do meio social em que ocorra, o uso pode gerar risos e loquacidade. Muitos usuários relatam sensação de bem-estar e felicidade. Entretanto, essa droga não é classificada nem como um estimulante (psicoanaléptico) nem como depressor (psicoléptico)



clássicos, mas sim um psicodisléptico, por promover uma verdadeira desorganização (ou reorganização) do funcionamento cerebral. Pode-se ainda observar alucinações, relaxamento, perda da memória recente, déficit cognitivo, perda de coordenação motora e da relação entre tempo e espaço (JULIENNE, 2013; MOREAU, 2014). Assim, não é difícil entender o motivo do líder não usar a droga, embora estimulando tal uso entre seus jovens soldados. O efeito euforizante e ansiolítico, capaz de anestesiar os sofrimentos emocionais de um cotidiano tão duro e adverso, é mais frequentemente relatado por aqueles cujas estruturas psíquicas e emocionais ainda encontram-se em processo de maturação. Já nos adultos, os efeitos de prejuízo locomotor, de redução na capacidade de concentração e de alterações sensoriais e da relação tempo / espaço, tão indesejáveis para um estrategista militar, são mais prováveis!

Le colonel me nomma capitaine et je fus chargé de rester au milieu de la route à la sortie d'un tournant pour demander aux camions de s'arrêter. J'étais le gosse des guets-apens. Je mangeais bien pour cela. Et parfois on me donnait du hasch en cadeau. La première fois que j'ai pris du hasch, j'ai dégueulé comme un chien malade. Puis c'est venu petit à petit et, rapidement, ça m'a donné la force d'un grand. Faforo (bangala du père) ! (KOUROUMA, 2000, p. 50).

Nesse outro excerto, vemos que o haxixe, ao qual as crianças eram submetidas, proporcionava uma força inacreditável, exatamente relacionada ao forte efeito euforizante comentado, observado, principalmente, entre os mais jovens.

Considerações derradeiras

... deve-se estar embriagado. Nada mais conta. Para não sentir o horrível fardo do Tempo que esmaga os vossos ombros e vos faz pender para a terra, deveis embriagar-vos sem tréguas.

Mas de quê? De vinho, de poesia ou de virtude, à vossa escolha. Mas embriagai-vos. (BAUDELAIRE, 2015, p. 189).

Iniciamos as nossas derradeiras considerações trazendo uma fala do poeta Baudelaire, considerado um poeta maldito, muito provavelmente por escrever verdades que, por vezes, chocaram a sociedade do seu tempo. Mas, por que Baudelaire estaria tão presente em nossas discussões sobre o ensino da literatura no âmbito do FLE, enfocando a literatura africana? Porque ele parece traduzir a necessidade que percebemos ao depararmos-nos com a importância da literatura no ensino de FLE que tanto temos discutido no âmbito de nossas pesquisas e, mesmo, no conjunto de trabalhos sobre como e porque ensinar literatura, que é o espaço deste Encontro sobre o ensino de literatura infantil e infanto-juvenil.



Embriaguemo-nos, portanto, de leituras literárias, levando-as aos nossos alunos, fazendo-os perceber a importância da leitura de uma obra como *Allah n'est pas obligé*, de Amadou Kourouma, dada a sua atualidade por tratar de questões tão relevantes na sociedade moderna como o uso de drogas na infância. Evidentemente que tal percepção é também assegurada a qualquer obra que, de certa forma, lide com questões hodiernas e que possa permitir que o aprendiz da língua depare-se com a diversidade temática que a obra literária pode instigar.

O impacto social do social e estético do romance de Kourouma reside, não unicamente, no fato de abordar questões que permitem intensas reflexões na sala de aula de FLE. Ainda como exemplo de prolongamento de leitura, entendemos que o romance pode favorecer o “experimentar” dos dissabores da vida de uma criança-soldado, partindo-se de problemáticas como as guerras tribais tão intensas em muitos países africanos, as feitiçarias, a morte e, naturalmente, a violência contra crianças. É possível atualizar a leitura dos aprendizes com documentos que tragam organizações que lidam com liberação de países em guerra ou de conselhos internacionais de paz¹ e ONG diversas. Então, podemos dizer que com procedimentos originados de leituras como a do romance aqui exposto, a literatura estará mais próxima do aprendiz!

Mas, retomando Baudelaire, perguntamo-nos: não nos entorpeceríamos também diante das nossas dificuldades cotidianas (relativamente) mais leves? Quais seriam as nossas “drogas nossas de cada dia”? Como encontrar o seu caminho, ou pelo menos a mais saudável dentre as opções de caminho? São muitos os questionamentos que nos instigam e levam a dizer que a literatura é real e, por certo, a África pode ser trabalhada por professores de FLE em busca de uma formação mais completa e humana, como queria Candido (2004), conscientizando-se, assim, sobre os descaminhos de muitas infâncias perdidas.

Referências

BAUDELAIRE, C. *Les paradis artificiels*. Pais: Livre de Poche, 1972

BAUDELAIRE, C. Os paraísos artificiais. Trad. José Saramago. Rio de Janeiro: Ediouro, 2005.

KOUROUMA, A. *Allah n'est pas obligé*. Paris: Points, 2000.

JULIENNE, M. *Le Cannabis? Comprendre vite et mieux*. Éditions Belin EPPDCSI, 2013.

¹ NPFL : le Front National Patriotique de Liberia ; ULIMO : le Mouvement uni de Libération pour le Liberia
LPC : le Liberian Peace Council ; HRC : le Haut Commissaire aux réfugiés ; CDEAO : Communauté des Etats de l'Afrique de l'Ouest ; ECOMOG : le ECOWAS Monitoring Group ; ACRM : Anticorruption ; RUF : le Front révolutionnaire uni ; AFRIC : le Conseil révolutionnaire des Forces armées ; OUA : l'Organisation de l'Unité Afrique e outras organizações.



VI ENLIJE

Literatura e outras artes: reflexões, interfaces e diálogos com o ensino.

MOREAU, R. L. M. *Cannabis*. IN: OGA, S.; CAMARGO, M. M .A; BATISTUZZO, J. A. O. Fundamentos de Toxicologia. 4ª ed. São Paulo: Atheneu Editora, p.435-446, 2014.

NATUREL, M. *Pour la littérature de l'extrait à l'oeuvre*. Paris: CLE international, 1995.

PINHEIRO-MARIZ, J; MARIZ, S. R. Uma leitura de Os paraísos artificiais, de Charles Baudelaire, sob a ótica da psicofarmacologia. *Revista Via Atlântica*. Universidade de São Paulo. São Paulo, 2015. 271-284

(83) 3322.3222

contato@enlije.com.br

www.enlije.com.br